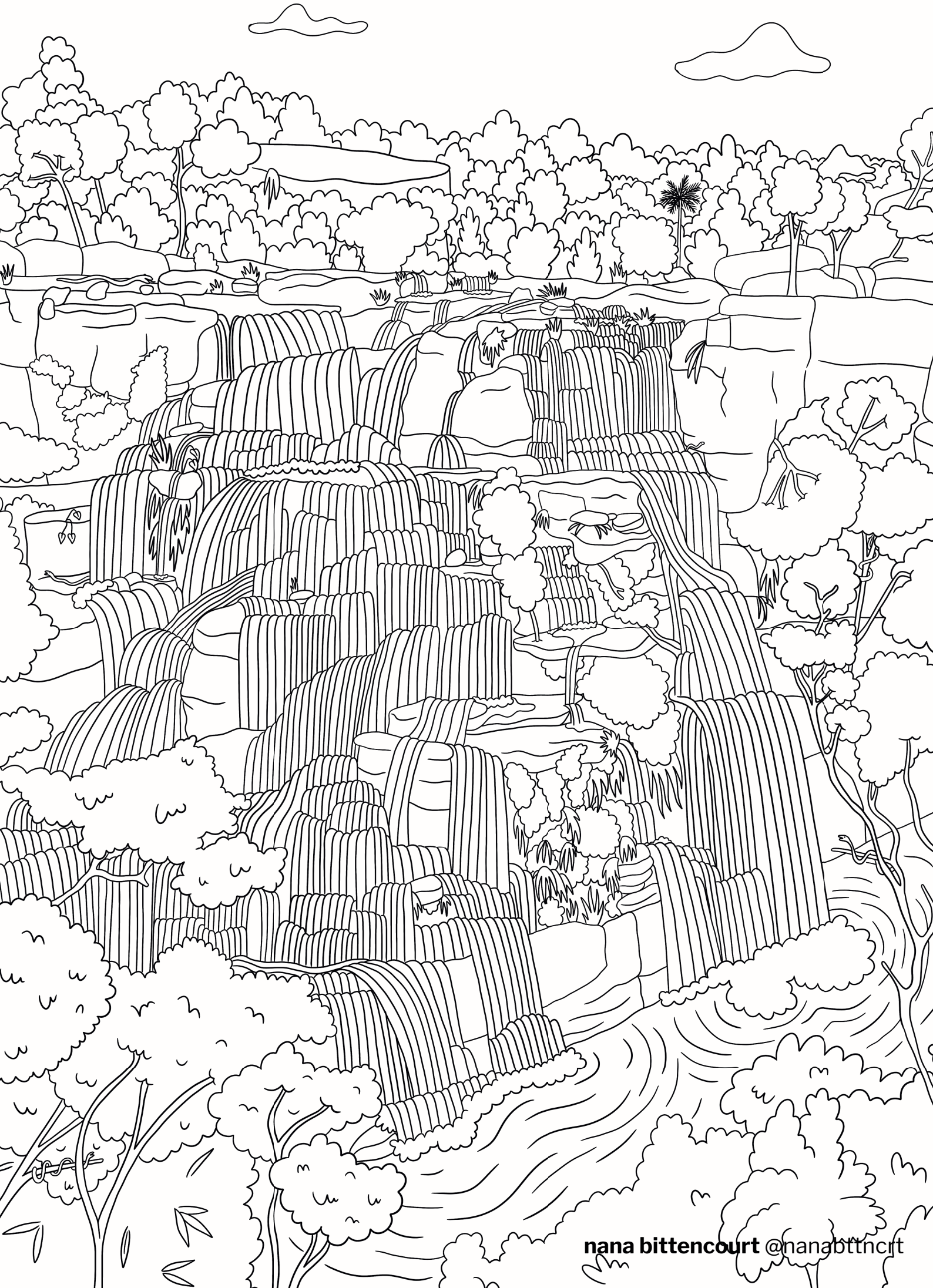
INSTITUTO NSX

Brasília, **julho** de 2025 | ano **2** | número **17**

jararaca

o jornal do centro

lucas basilio @lucassbasilio


nana bittencourt @nanabttncrt

“eu juro que vou matar essa andorinha”

A Lei do Silêncio enforca a cultura em praça pública.
É o único espetáculo que faz eles gozar.
Mas morra calada, tá?
O gemido de dor atrapalha a vizinhança.

artur França @arturofranca
23 de maio de 2025

Como balizar a própria existência se o outro lado quer a sua extinção completa?

Mais um bar, mais um samba, mais um fragmento da cultura. E, acima de qualquer coisa, mais um papel assinado. O Pardim entrou para a lista de perigos que a vizinhança quer enfrentar. Antes, e ainda sofrendo, Baobar, Aquilombar, Jeito Carioca, Primo Pobre, entre tantos outros.

Deve ser muito perigoso fazer samba. Não? Ué, mas a Lei da Vadiagem de 1830 já dizia que era nocivo ao “cidadão de bem” que negros portassem tamborim e não estivessem ocupados trabalhando. Tamborim tem muito metal. “Vai que esses pretos se rebelam? Vão usá-lo como arma!” Vai que esses artistas se rebelam? Vão usar música como arma!

Não pode barulho, não pode conversa, não pode gente. Evitem assobiar, batucar na caixinha de fósforo e transar. Crianças, brinquem em silêncio, senão vão desmontar o parquinho do condomínio.

Se possível, evitem sorrir também. Se não conseguirem, farão vocês chorarem (mas sem Chorinho: esse também não pode).

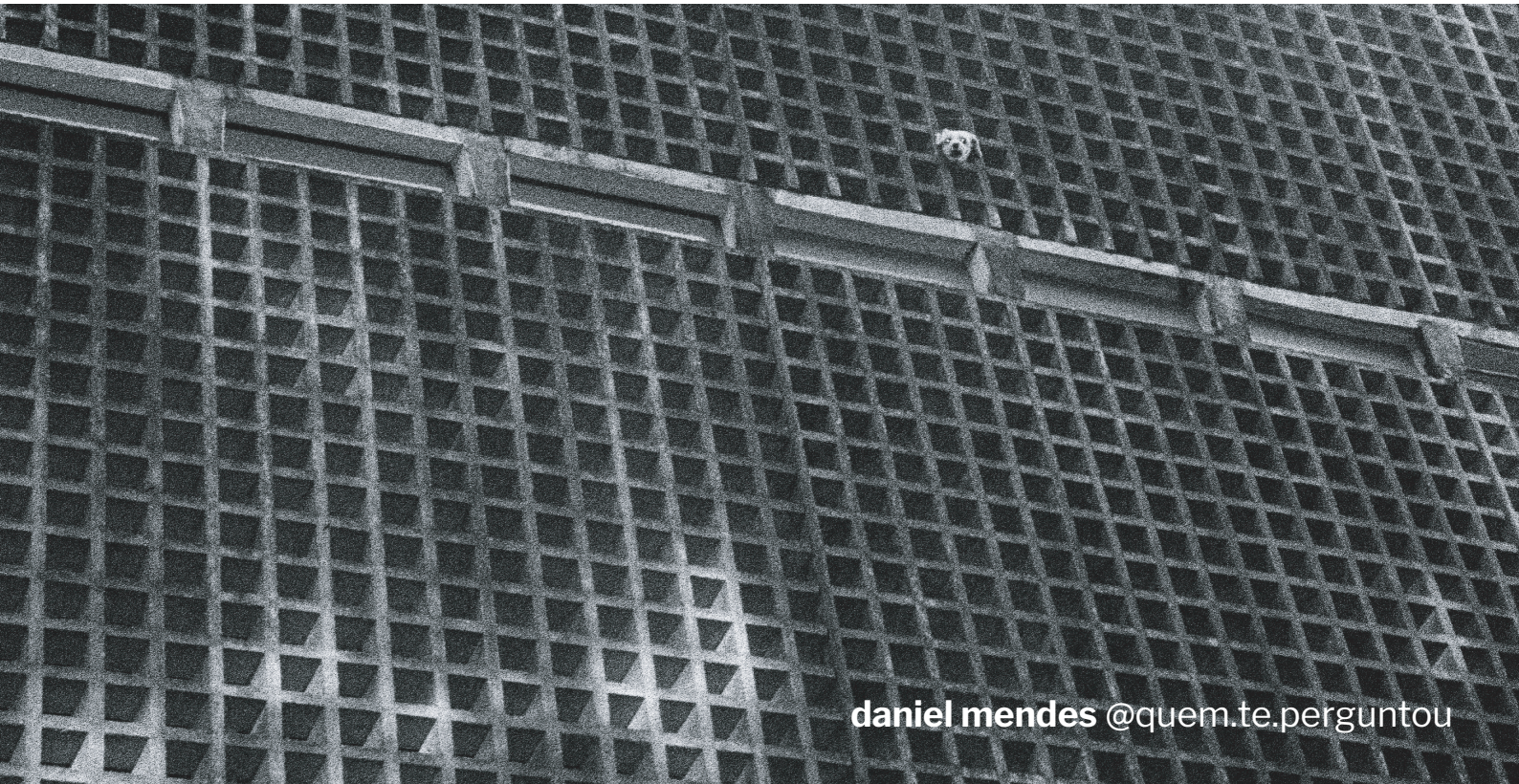
É preciso rever tudo: Lei do Silêncio, uso da cidade, que tipo de pessoas estamos criando para a sociedade.

A cultura está morrendo rápido. São 15 minutos de luto e depois se normaliza a pasmaceira. Nada se faz, pouco se importa e muito se perde.

Repitam: **NÃO DÁ PRA VIVER SEM ARTE.** É sufocamento lento, como quem abre o gás e fecha a janela de casa. Morrer dormindo não é menos pior. Ainda é morte, e aqui, nesta Cidade Sentimental, a festa é o que aquece a vida.

Abram a boca, cantem alto nos bares, denunciem a opressão. Participem de discussões coletivas sobre coisas que afetam a nossa existência.

**Direito à festa não é acessório;
é fundamento básico para se viver.**



daniel mendes @quem.te.perguntou

julia iracy @juliairacy.m | Entrevista com **floriano martins** @floriano.agulha

JI | Floriano, leio-te nas páginas de *A vida inesperada*, no teatro de *Circo Cyclame*, nas edições da *Agulha Revista de Cultura*, nos poemas de *Antes que a árvore se feche*, nas traduções de García Lorca, dentre várias outras publicações que te precedem. Me impressiona a vastidão do seu trabalho literário e me encanta seu compromisso com a divulgação poética. Conte-nos um pouco sobre a prática da leitura e da escrita, como a disciplina do texto faz parte dos teus dias?

FM | O termo disciplina é bastante curioso, porque está ligado a regra, obediência, submissão, e não me vejo fazendo nada na vida sob a tutela desses significados. Eu diria que tenho um grande amor, pelas palavras, pela vida, pela criação, e o modo como esse amor se manifesta possui seu ritmo próprio e bastante natural. Leio e escrevo o dia todo, mas também vejo e ouço, toco e sinto o gosto, o cheiro, eu me relaciono com a vida e comigo mesmo, sem nos separarmos, e com uma aguçada intensidade. Graças à tua pergunta eu me vejo agora, próximo à casa dos 70 anos, como alguém sem disciplina, alguém que se antecipa a todo instante e transborda inesgotavelmente. Recordo um verso do peruano Javier Sologuren que me acompanha desde quando o li, há décadas: *vibro de mim mesmo*.

JI | *[...] o primitivo e o poeta aceitam como satisfatória toda conexão analógica, aceitam essa visão que contém em si mesma sua própria prova de validez, ainda que suas identificações violem o princípio de identidade. Reitera, assim, a ideia da metáfora como forma mágica do princípio de identidade.* Esse trecho de Davi Arrigucci Júnior sobre a escrita de Cortázar, que *confia à imagem uma sede pessoal de alheamento,* ressoa uma prática dissolutiva de um eu, observada nos escritos surrealistas e no fazer poético de modo geral. A partir de sua experiência enquanto escritor e leitor, como você observa a relação entre alteridade e poesia?

FM | A todo instante estamos, percebamos ou não, nos fazendo esta simples pergunta: *O que somos?* Ela em si está repleta de analogia, porque buscamos uma identidade que se defina em relação com outras, um ser entre tantos, uma singularidade entre muitas. A poesia, que não é necessariamente o poema, tem em si essa porção múltipla de singularidade. Somos muitos e a cada momento vivido nos surpreendemos com quantos mais podemos encontrar em nosso íntimo, em nossa memória, em nosso desejo de ser. A resposta não está na literatura, mas sim na própria vida. Tampouco atende ao outro o que cada um descobre como sendo seu.

JI | Nomear é um gesto de domínio sobre o mundo. Seu livro de dramaturgia escrito com Zuca Sardan se chama *O iluminismo é uma baleia*. Ainda sobre o trecho de Davi Arrigucci Jr., o império da razão e a escrita surrealista, gostaria de te ouvir sobre a escolha desse título.

FM | Ah a delícia do estado surpreendente de coisas, o estar sempre aberto a aceitar o que por vezes torce o nariz da razão. Dois filósofos galhofeiros conversavam e um deles, desacreditado do Iluminismo, dispara: – *O Iluminismo é uma balela.* O outro, se fazendo de surdo, indaga: – *Baleia?*, ao que o primeiro responde: – *Não, balela!* E nisto ficaram, até que a irritação do primeiro se convertesse em cansaço e aceitação. Aí havia nascido o título da trilogia que escrevemos, Zuca Sardan e eu, nosso teatro automático. O sério, antes de ser austero ou sisudo, ele é verdadeiro, sincero. Nós dois descobrimos um ponto de escrita que se poderia chamar de *sinceramente brincalhona.*

sementeira de vertigens

JI | Você é um precursor da disseminação literária na Internet. Em 1999, criou a *Agulha Revista de Cultura* e, mais recentemente, encabeçou o projeto *Atlas Lírico da América Hispânica*, reunindo poetas de 19 países latino-americanos – trabalho maravilhoso, por sinal. Considerando os circuitos literários antes da Internet, no início, e atualmente, como podemos avaliar essa transformação? Há de fato uma democratização do acesso e do fazer literário?

FM | Estamos sempre às voltas com algumas palavras enganosas. *Democratização* é uma delas. Para que um determinado povo exerça a soberania, direta ou indiretamente, é preciso que exista como tal. No Brasil a cultura foi desfigurada de tal forma que é muito tênue a linha que separa povo e gente, sobretudo quando pensamos na ausência de uma sociedade organizada que se defenda das artimanhas do poder. Portanto a minha resposta é negativa, ou seja, não há *uma democratização do acesso e do fazer literário,* mesmo considerando que os meios tecnológicos estão relativamente à mão de qualquer um.

JI | A partir de seu amplo contato com os escritos contemporâneos do Brasil e da América Hispânica, em vista também da recepção desses materiais, que considerações sobre a linguagem poética de nosso tempo/espaço você julga serem relevantes compartilhar?

FM | A multiplicidade de experiências estéticas que foram se dando na América Hispânica não permite falar de um tecido único, no que pese a existência de uma língua comum. A última grande central de referências que foi o período das vanguardas na primeira metade do século passado gerou inúmeras reações, do ponto de vista da linguagem poética, que inclusive poderiam ter sido ampliadas caso tivesse havido uma maior interação entre esses países. No Brasil, também se deu o mesmo, considerando o pouco acesso ao diálogo existente entre as regiões. Falar em interação virtual é ainda cedo, porque a deformidade provocada pelos modelos políticos propiciou apenas um espaço de resistência individual. Talvez naqueles países onde se verifica uma presença maior de revistas literárias de circulação pela Internet, a situação seja um pouco menos precária. Há ainda uma outra ocorrência relevante, a realização dos encontros internacionais de escritores, que se projetam a partir dos anos 1960 e alcançam um destacado valor na primeira década do século atual. Contudo, há erros estruturais que não se permitiram a devida avaliação. O fato é que a linguagem poética evolui com base na frequência de diálogos, com a leitura, convivência, troca de ideias etc. Além do que não é algo que possa ser mensurado com base em apostas estatísticas.

JI | *Deixo de ser poeta original, que custa o preço / da liberdade: um sistema estilístico é demasiado exclusivo. / Adoto esquemas literários já testados, para ser mais livre. / Naturalmente por razões práticas. Presente na obra Transumanar e Organizar,* de Pier Paolo Pasolini, este breve poema me parece imenso. Caso a originalidade seja possível, em que sentido ela pode ser livre?

FM | É curioso achar que a originalidade possa ser algo pretendido, cavado, diligenciado. Também não se pode aceitar a ideia de que algo lhe impeça a liberdade, no sentido de interferência em seu surgimento. Quer pensemos em esquematismos literários ou ideológicos, recordando a imposição de escolas literárias e de regimes políticos, não se impede aí o despontar de uma originalidade, mas sim a sua exposição, a manifestação de suas certezas. A tradição poética possui seus exemplos de autores originais, talentos revolucionários, que não foram percebidos como tais em seu tempo. Surgiram, porém não foram identificados, nem eles próprios tiveram oportunidade de mostrar a força renovadora de sua obra.

sementeira de vertigens

JI | *A tua aura é uma lamparina repleta de símbolos e vogais, / pequenos insetos cuja disciplina veste a mobília de encanto.* Jamais pediria que explicasse teus versos; me contento com a imagem que, conjurada em minha memória, antes de passar, embaraçou-me. Sobre a metáfora, como lugar que habilita a aura por você descrita, como condição mimética do poema, de que ela é feita?

FM | Este embaraço é valioso quando fruto estimulante de uma provocação. O meu balaio de truques de linguagem tem do lado de fora uma tabuleta que diz: *vivenda de provocações.* E no decorrer da criação eu também sinto os efeitos desse embaraço, porque a todo instante sou surpreendido com a força das imagens quando, dissemelhantes ou longínquas, se deitam na mesma rede e criam novas causas, novas origens. Fazemos isto em nossa vida, com as amizades, mágicas afinidades que se dão entre pessoas por vezes tão distintas entre si. Aí está a poesia: aprender a viver. E o poema: a manifestação desse aprendizado.

JI | Bom, que satisfação te escrever essas perguntas, Floriano. Obrigada por participar desta edição e, é claro, pelos anos de uma vida traduzidos em publicações e investigações literárias. Deixo esse espaço para algo que queira compartilhar com os leitores e com este editorial que, apesar do pouco tempo de estrada, certamente partilha com você um *lugar sutil de existência no mundo*, para usar palavras suas (que são, também e por sua vez, nossas).

FM | As tuas perguntas são de uma intensa delicadeza e me pegaram com jeito. Diálogos assim rendem várias eternidades. Olha, eu creio que esse lugar sutil de existência no mundo possui um valor imensurável e feliz quando descobrimos o ponto ideal da criação e da cumplicidade com outros. O que estamos fazendo na *Agulha Revista de Cultura*, Elys Regina Zils e eu, é uma sementeira de vertigens, uma propagação de maravilhas, o que só é possível porque estamos sempre descobrindo as fontes da alteridade. Descobrir o outro, dentro e fora de nós. Nossa parceria, por exemplo, com a revista *Acrobata*, onde criamos o Atlas Lírico da América Hispânica. A parceria com Juana M. Ramos, que nos permitiu criar a coleção "Libros Imposibles". A parceria com os amigos das revistas Ruído Manifesto (Brasil) e Altazor (Chile), que, ao lado também da Acrobata, tornou possível a criação da série "Documenta". Sem esquecer outras imensas parcerias com Melvyn Aguilar, Gladys Mendía e Márcio Simões, respectivamente na revista *El pez soluble* (El Salvador) e as editoras LP5 (Chile) e Sol Negro (Brasil). A própria pauta da Agulha Revista de Cultura é um ninho abundante de cumplicidades, de ações conjuntas que se reproduzem em incontáveis lugares. Este é o mundo com que sonhei. O mundo em que *vibro de mim.*

FLORIANO MARTINS (Fortaleza, 1957). Poeta, editor, dramaturgo, ensaísta, artista plástico e tradutor. Criou em 1999 a Agulha Revista de Cultura. Entre seus livros mais recentes se destacam Un poco más de surrealismo no hará ningún daño a la realidad (ensaio, México, 2015), O iluminismo é uma baleia (teatro, Brasil, em parceria com Zuca Sardan, 2016), Antes que a árvore se feche (poesia completa, Brasil, 2020), Naufrágios do tempo (novela, com Berta Lucía Estrada, 2020), Las mujeres desaparecidas (poesia, Chile, 2022) e Sombras no jardim (prosa poética, Brasil, 2023). Contato: floriano.agulha@gmail.com.

fuji vermelho

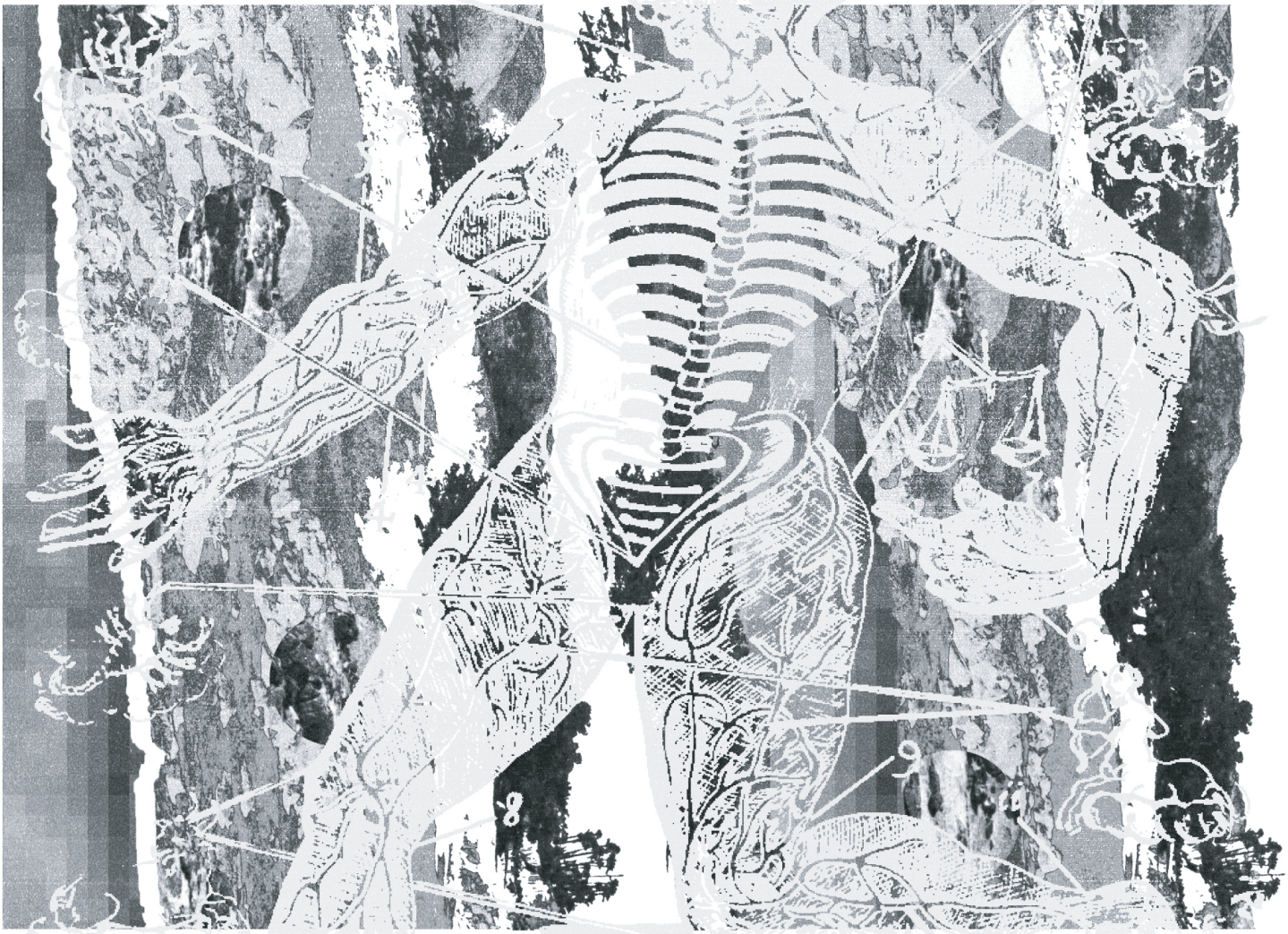
claudio leal @claudiolealc

No metrô de Tokyo me perco. Um japonês aponta o trem que vai para a estação da casa de Simone. O trem freia e a polícia é chamada. Longa espera, vaivém de soldados. Certa manhã, o ritual se repetiu pela segunda vez em minha viagem. Simone me disse que toda semana algum suicida se joga na linha de Shinjuku. Os japoneses famosos não se atiram nunca nos trilhos, estrelam painéis digitais dos arranha-céus, mas não os conheço. Telmo, japonês crescido no Brasil, me conta quem é o jogador de beisebol Shohei Otani, o mais célebre desse esporte no mundo, que vende trecos e boas causas em todos os emissores de luz. Do alto da Torre de Tokyo, a sociedade de consumo impõe vertigem. Setembro. Tokyo é uma tentativa infrutífera de ver o monte Fuji. Todas as noites o trem trepida em cima do viaduto entre luas, casas e prédios baixos de Ogikubo. De manhã, o Fuji não aparece. Zyun quer saber onde pode fumar na cidade em que tudo é proibido na rua. A chuva apaga o cigarro. Willie me fotografa com Bia, Renato e, ao fundo, a torre do filme do Godzilla. Os quadros de Hokusai: a Grande Onda de Kanagawa ou o Fuji Vermelho? Vento fino, manhã clara. No outono, com o vento sul, o monte pode ficar vermelho. Simone traduz o que me diz o técnico de som de João Gilberto. Ele pede que ela não diga que ele ainda é um velho bonito, pois não pode mais tirar proveito da beleza. O silêncio no trem-bala emudece as paisagens. Em Kyoto, o show de Gil, a bela versão de “Viramundo”. E o espetáculo de gueixas oferecido por Oka. A gueixa mais velha esticou a testa para Gil, que devolveu a reverência de olhos bem abertos. Todos estavam sem sapatos no restaurante. Cedinho, fui ao templo de Rinko-in, Shokoku-ji, onde Gary Snyder viveu e afinou o Zen em Kyoto, em 1955. O chato do budismo é retirar os sapatos. No centro do templo de Shokoku-ji há uma grande estátua de Buda; no teto, a pintura do dragão que fez chover néctar em seu nascimento. Buda meditou por sete dias e sete noite sob uma árvore e atingiu a iluminação com a estrela da manhã do oitavo dia. Três monges desconheciam a existência de Gary Snyder. O mais simpático dos monges sorriu ao ver uma foto do zen-beat. Trocamos frases no tradutor do celular. “É um pouco difícil de entender, já que esta história aconteceu há mais de 70 anos. Não existem mais muitos monges daquela época”, lamentou. “Sim, havia uma pensão e muitos passaram por aqui. Infelizmente, nada sei dele”. Nos jardins do complexo de templos, li em silêncio um poema de Snyder e lembrei de sua resposta a minhas perguntas sobre a geração beat e a vida no Japão. Era o verão americano de 2021 e o poeta estava sem saco: “Caro Sr. Leal, estou velho demais para reescrever minhas ideias básicas, quando elas já estão impressas. Estou trabalhando em questões urgentes aqui no oeste da América do Norte.” Um grande incêndio florestal devastava a Califórnia.

“Vento bom, manhã clara”
também conhecido como
“Fuji Vermelho”
xilogravura do artista japonês
Hokusai

parte de sua série “Trinta e seis vistas do Monte Fuji”
(1830 - 1832)

NATUREZA



EXOTICA

eli sousa @elisxxn

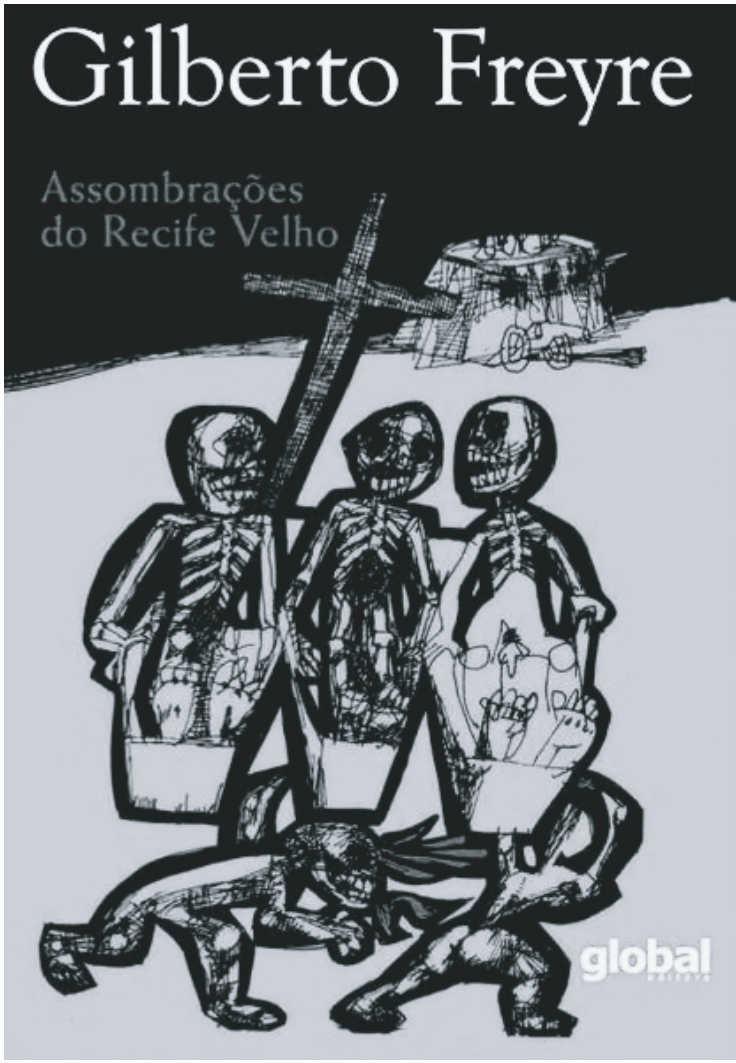
Amavisse VI

Que as barcaças do Tempo me devolvam
A primitiva urna de palavras.
Que me devolvam a ti e o teu rosto
Como desde sempre o conheci: pungente
Mas cintilando de vida, renovado
Como se o sol e o rosto caminhassem
Porque vinha de um a luz do outro.
Que me devolvam a noite, o espaço
De me sentir tão vasta e pertencida
Como se as águas e madeiras de todas as barcaças
Se fizessem matéria rediviva, adolescência e mito.
Que eu te devolva a fome do meu primeiro grito.

hilda hilst

fim da luz elétrica já!

ian viana @ianviana9



A relação entre a chegada da luz elétrica e o desaparecimento dos relatos de fantasmas em Recife é uma observação marcante de Gilberto Freyre, presente em suas crônicas e reflexões sobre a vida social e cultural do Recife antigo — especialmente em textos como os que compõem o livro ***Assombrações do Recife Velho***.

Freyre aponta que, com a chegada da modernidade, simbolizada pela luz elétrica, as cidades — e particularmente o Recife — passaram por um processo de racionalização da vida cotidiana, que enfraqueceu a presença do imaginário popular, como os relatos de assombrações, aparições e figuras fantasmagóricas:

"Expulsos para outras plagas na modernidade, traduzida em lampiões de gás e luz elétrica, brilho e claridade iluminaram as sombras e penumbras que propiciavam essa fraterna convivência. Aos poucos, as mudanças operadas na cidade foram afugentando os fantasmas não só das ruas como do interior das casas, obrigando-os a se refugiarem nos ermos, nos cemitérios, nas ruínas, nos restos de igrejas, de conventos, de fortalezas, nos casarões abandonados, nas estradas tão sombreadas de arvoredo a ponto dessas sombras abafarem a própria luz dos lampiões de gás."

nicole alcântara @nemosossos

Extraído do livro
“Nem os ossos”
Editora Urutau (2024)

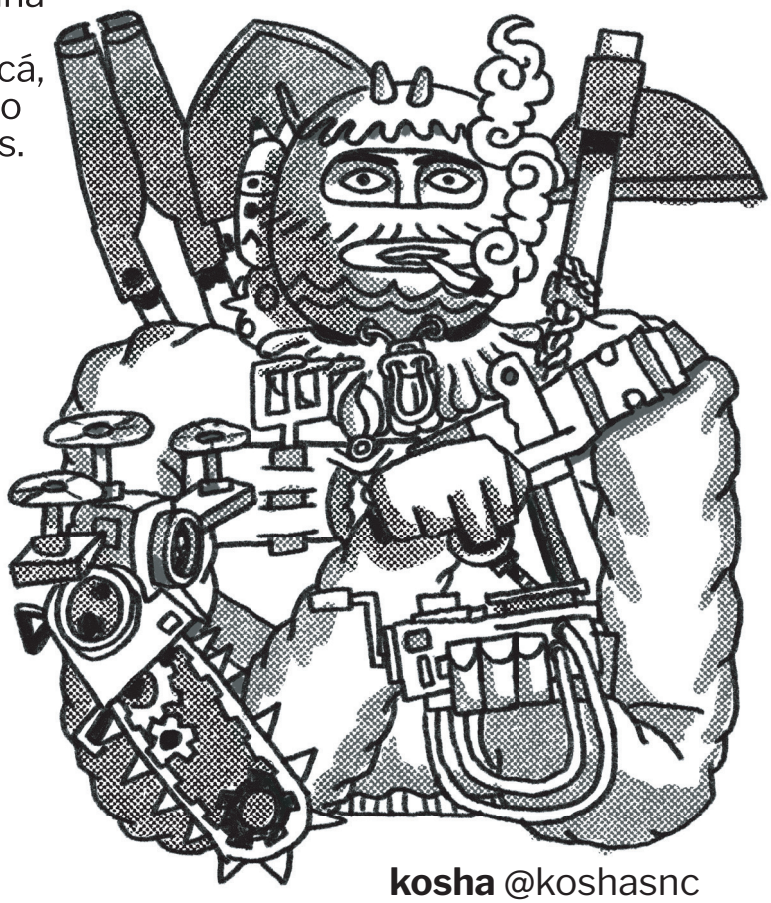
o teu ódio amargando na xícara matutina

fantasma pálido na noite, esverdeado ao luar, uma valsa de flamingos e outras aves esplêndidas. aquosa, terrível. meu rosto choroso por entre teus dedos de realidade. se te vejo, eu choro. será que sou capaz de te ver? meu olho é água, o teu é luz. teu olho é algo como um sol. me invade feito raios pela persiana, e eu tremo. temo ser vista. você me vê. você me vê sob a luz do meio-dia sob lupa e lâmpada e lampejos lancinantes de lente microscópica. eu tremo. e choro feito rio para que esta água me inunde de brilho-nunca-antes-visto. é lágrima, não lástima. é largada para o corpo aquático de profundezas noturnas [nunca-antes-visto], trazido à superfície. a sereia encontrada é aberta na praia: nua. e obscena, porque vista. me deixo ver. que ultraje: me deixo ver. a aridez da areia arranhando a fina pele. lânguida, de línguas e líquidos doces. arranha-céu: a aranha do deserto me devora até as unhas — é um espetáculo! será que te dói? menino, venha cá, meu menino, e chore no meu colo na praia do planeta mais distante. estamos sós. dois sóis. o olho esbranquiçado nos consome.

uma boca contra o mundo

esse meu fascínio com bocas
perigosas demais dentadas demais
sem mãos sem braços
são bocas contra o mundo
levando a noite a tudo que encontram

são dentes contra a carne
sempre frágil demais
nós nunca nos apercebemos
de que a carne é só



kosha @koshasnc

A **rocha** tem vida

Niède Guidon

Like a rolling **stone**

Bob Dylan

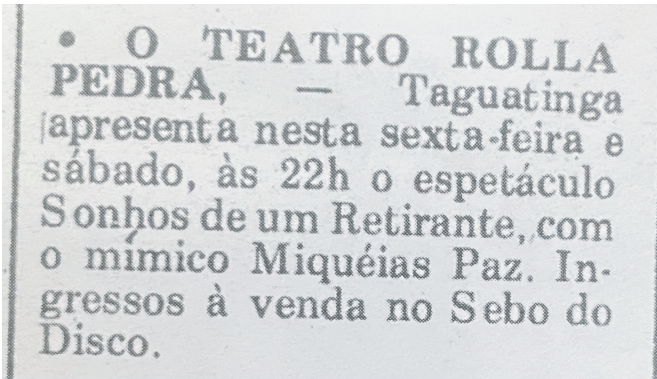
Uma educação pela pedra: por lições;
para aprender da **pedra**, frequentá-la

João Cabral de Melo Neto

fotografia de **ivaldo cavalcante** @galeria_olho_de_aguiaoficial2

lançamento do livro: rolla pedra: arte + utopia sob nuvens de chumbo de paulo kauim

Paulo Kauim, que reconstituiu de forma impressionante a memória sobre o Teatro Rolla Pedra, espaço cultural ativo em Taguatinga entre os anos 1984 e 1986, conta um pouco sobre o livro, feito de imagens e textos:



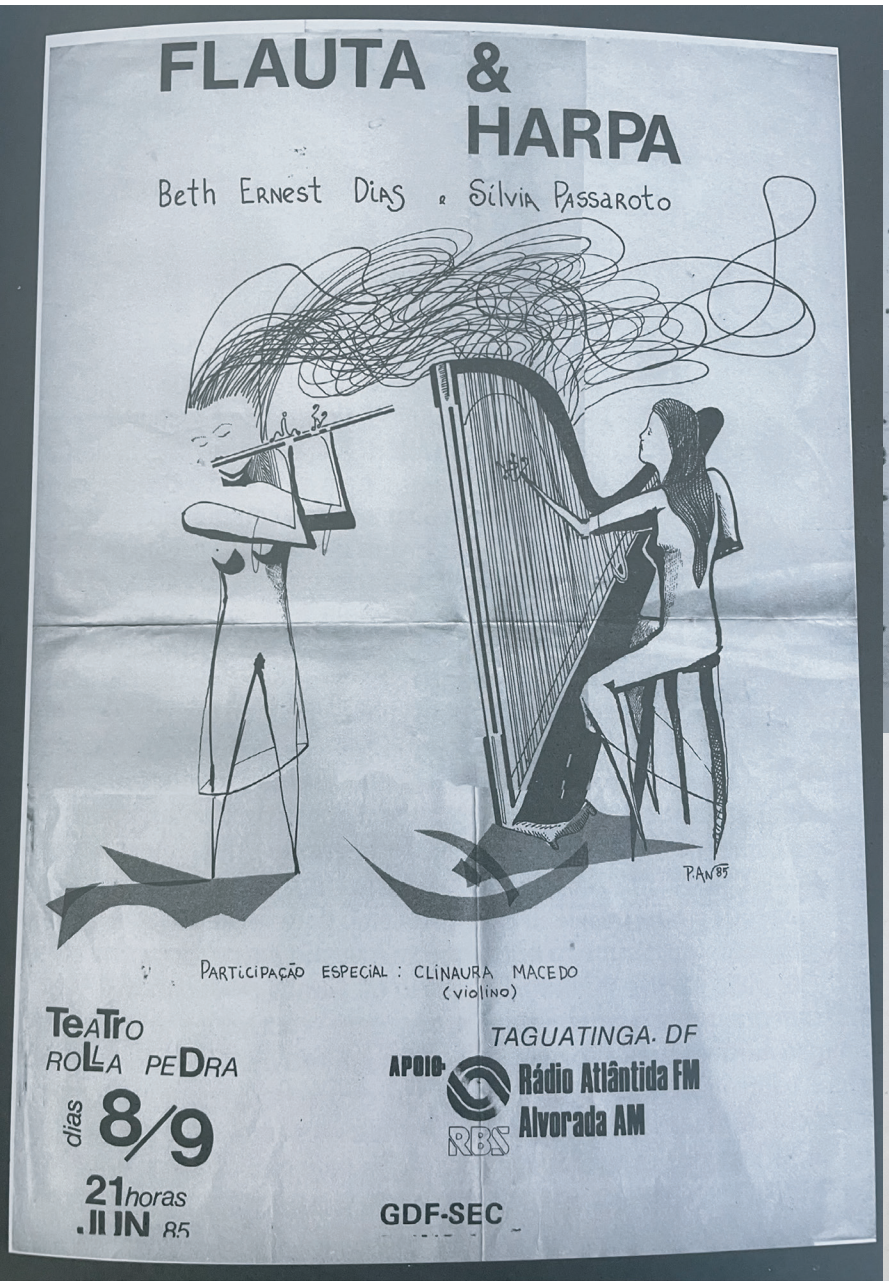
• O TEATRO ROLLA PEDRA, — Taguatinga apresenta nesta sexta-feira e sábado, às 22h o espetáculo Sonhos de um Retirante, com o mímico Miquéias Paz. Ingressos à venda no Sebo do Disco.

“

caminho das pedras

Há dezesseis anos, eu rascunhava o desejo de escrever um livro sobre o Teatro Rolla Pedra. [...] Inicialmente estava decidido a contar essa saga sozinho, porém, durante a leitura do texto de Antônio Risério sobre Luiz Gonzaga, no livro O Rei do Baião, organizado pelo Bené Fonteles, tive a ideia de compartilhar o sonho e convidei pessoas que foram atravessadas pelo território livre do Rolla Pedra, ou que tivessem sido contaminadas por suas forças éticas e estéticas.[...] Antes da chegada do Rolla Pedra, a gente saía para assistir a shows de rock, MPB, música clássica, teatro e cinema no Plano Piloto. A chegada do Teatro Rolla Pedra representou esse lugar onde era possível amalgamar tudo o que gostávamos de ouvir. Herdamos um modo tropicalista de ouvir música e de mirar o mundo com olhos livres. O Rolla Pedra era o caminho inverso do mito da caverna de Platão. Aqui entrávamos na caverna para encontrar a luz que não havia do lado de fora nas sombras de Taguatinga e nas trevas do Regime Militar. A luz aqui é a cultura, a arte e o outro das mais diversas tribos relacionando-se em um nível muito sofisticado de cidadania. [...] Nossa ambição com esta obra era deitar a cidade no divã, fazer psicanálise com ela para aparar suas arestas dos fantasmas do passado, interferir provocando mudanças no presente, e dar passos firmes num futuro menos bárbaro, fazendo com que o leitor possa refletir e, quem sabe, até interferir em sua geografia.

”



• GARGANTUA DOS DUENDES SILIBRINOS — Textos de Artoud, Torquato Neto, Chacal, Kauim, Donizete Pitalurghi, encenado pelo grupo Sulburbano. Em apresentação no Teatro Rolla Pedra (Taguatinga - Fone 563.6978), neste domingo, às 21 horas. Ingressos a Cr$ 2 mil.

• A CRISTIFICAÇÃO DO UNIVERSO — HO-

• CHORINHO — Dia 27, às 21 horas, um show de chorinho no Teatro Rolla Pedra ETC & Tall. O grupo liderado por Paulinho, interpreta Jacó do Bandolim, Pixinguinha, Waldir Azevedo e Ernesto Nazaré. Ingressos a Cr$ 1 mil, à venda no Sebo do Disco no Paranoá Center em Taguatinga e no subsolo do Venâncio 2000.

proposta desta casa, que é popularizar a música erudita.
• **TEATRO ROLLA PEDRA ETC E TALL** — apresenta amanhã, a partir das 21 horas, show de rock pesado com os grupos **Extremo, Nirvana** e **T.N.T.** Ingressos: Cr$ 2.000. No sábado e domingo show de rock moderno, a partir das 21 horas, com as bandas **Espaçonave Guerrilha, Diamante Cor-de-Rosa** e **Rebeldes de Rockabilly.** Ingressos no próprio teatro e no Sebo Discos (Venâncio 2.000 e Paranoá Center).

Lançado pela Tagore Editora, o livro apresenta uma série de relatos de músicos, fotógrafos, palhaços, atores, instrumentistas e entusiastas que passaram pelo Rolla Pedra, forjando um amplo panorama do Teatro que moveu a cena cultural do DF em direção à Taguatinga, na década de 80. Mel da Terra, Plebe Rude, Água de Cheiro, Rubi, Paraibola, Paulinho Pedra Azul, Legião Urbana e Diamante Cor de Rosa são exemplos de nomes que passaram pelo Teatro e estão presentes no livro. “A cidade dormitório só acordou quando um pessoal resolveu fazer barulho. E que barulho. Na entrada da cidade, à direita de quem chegava, foi instalado o Teatro Rolla Pedra. [...] O Teatro era, literalmente, um espaço aberto. Durante o dia, as bandas usavam o lugar para ensaios; à noite, todo gato era pardo: teatro, música, vernissage, tertúlia, literatura, mas, principalmente, muito rock. A cena punk ainda fervia naqueles idos de 1984.” Escreve o jornalista Paulo Pestana.

onde adquirir?

Oto Livraria
302 norte

Livraria do Chico
UnB

Marcondes Vinil
116 sul

Livraria Escolar
QNB 1 Taguatinga

Livraria Lettera
A.C.

Livraria Platô
405 sul

Galeria Olho de Águia
CNF 1 - Taguatinga Norte

Amazon
amazon.com

CIRCO GIRASSOL E MAMULENGO PRESEPADA

• **MAMULENGO PAGODE** — Apresentará o espetáculo **O Auto do Trancarruas**, liderado por Paulo de Tarso, às 21 horas, neste domingo no Teatro **Rolla Pedra** (Taguatinga). Ingressos a Cr$ 1.500 (preço único).

otto moura

quando você se for
deixe comigo só aquela dança
do corpo possesso
depois de engolir um poema

o que te contorce são versos
que encontraram mar na boca do poeta
o lábio do seu espelho
beijando a estrela

que lindos os meus dias
que dançam ballet

quando te lembro tudo é mar
reboliço
o relógio não corre no trilho
pra nenhum dos lados
a maior das magias é o tempo que dança
e remexe tanto que para

manuel bandeira

o impossível carinho

Escuta, eu não quero contar-te o meu desejo
Quero apenas contar-te a minha ternura
Ah se em troca de tanta felicidade que me dás
Eu te pudesse repor
- Eu soubesse repor -
No coração despedaçado
As mais puras alegrias de tua infância

lucas basilio @lucassbasilio

quatro poemas de **luz helena villamizar** (colômbia)
tradução: **mateus peleteiro** @_matheuspeleteiro

2

las armas

Muchos se arman para la guerra.
Es necesario.
Otros se arman para el mundo.
Es preciso.
Algunos se arman para la muerte.
Es natural.
Tú te armas para el amor
y estás tan indefenso
para la guerra,
para el mundo,
para la muerte.

as armas

Muitos se armam para a guerra.
É necessário.
Outros se armam para o mundo.
É preciso.
Alguns se armam para a morte.
É natural.
Tu te armas para o amor
e estás tão indefeso
para a guerra,
para o mundo,
para a morte.

1

ayer

Ayer asistimos al encuentro de los cuerpos.
Visitaste los abismos
que obsesivamente con vestidos cubro.
Pero después sentí un odio momentáneo,
como de tierra arrasada,
como de humo al final de la batalla.
Era el amor quien guerreaba
y yo me encontré de pronto
tirada en el camino.

ontem

Ontem assistimos ao encontro dos corpos.
Visitaste os abismos
que obsessivamente cubro com vestidos.
Mas depois senti um ódio momentâneo,
como de terra arrasada,
como de fumaça no final da batalha.
Era o amor que guerreava
e de repente eu me vi
estendida no caminho.

yo, la peor de todas

Sor Juana Inés, la de la cruz en la falda,
la cárcel en el pecho y las caderas ocultas.
Cómo bordaba palabras en el cielo.
Nunca gozó el amor pero jugó con él en los altares,
le inventó tantos nombres como rostros,
le descubrió garras, abismos, infierno.
Escribió el amor, que es como desarmarlo,
como desatarle los nudos ciegos,
los remolinos que nacen en el fondo.
Escribir el amor y después dejarlo ir ya sin cuerpo, vacío,
como una armadura sin alma en medio de la guerra,
como una guerra sin odio.
Sor Juana, aventurera de la iglesia,
atada a su tiempo como una premonición,
incrédula de sí, insomne en el convento,
persiguiendo a su alma que ya no puede más,
que se rebela.
Sin tocar el amor, amó sin tregua.
Con tanto vuelo en la pluma
estaba llena de pájaros su frente.
Sor Juana Inés,
después de usted no queda nada que decir.
Todo lo demás es un énfasis.
Después de usted
el amor no guarda ya misterios.

eu, a pior de todas

Irmã Juana Inés, a da cruz na saia,
da prisão no peito e dos quadris ocultos.
Como bordava palavras no céu.
Nunca desfrutou do amor, mas brincou com ele nos altares,
inventou-lhe tantos nomes quanto rostos,
descobriu nele garras, abismos, inferno.
Escreveu o amor, que é como desarmá-lo,
como desatar os nós cegos,
os redemoinhos que nascem no fundo.
Escrever o amor e depois deixá-lo ir sem corpo, vazio,
como uma armadura sem alma no meio da guerra,
como uma guerra sem ódio.
Irmã Juana, aventureira da igreja,
preso ao seu tempo como uma premonição,
incrédula de si mesma, insone no convento,
perseguindo a sua alma que já não obedece,
que se rebela.
Sem tocar o amor, ela amou sem trégua.
Tendo dado tantos voos com a pena
sua testa estava cheia de pássaros.
Irmã Juana Inés,
depois de você não resta mais nada a dizer.
Todo o resto é uma ênfase.
Depois de você,
o amor não guarda mais mistérios.

daniel mendes @quem.te.perguntou

self

Paso estos días a mi lado,
me pongo, me sostengo,
me escapo, me tolero,
me ahogo, me saturo de mí,
me repaso, me pervierto.
Abro las piernas ante el cielo,
me poseo con cualquier rayo de sol
que dejan pasar las nubes
inoportunas de tu ausencia.
Grito, espanto los muertos,
los candados, la música.
Sé que soy culpable de nada
y la nada me avergüenza.
Me condeno, me apaleo.
Pasiones cobardes sobran en el mundo.

self

Passo estes dias ao meu lado,
me visto, me sustento,
me escapo, me tolero,
me afogo, me saturo de mim,
me reviso, me perverto.
Abro as pernas para o céu,
me possuo com qualquer raio de sol
que deixem passar as nuvens
incômodas da tua ausência.
Grito, assusto os mortos,
os cadeados, a música.
Sei que sou culpada de nada
e o nada me envergonha.
Me condeno, me castigo.
Paixões covardes sobram no mundo.

É engraçado pensar que o uso de turbantes se diversifica por todo globo terrestre. Dos sikhs, passando pelos mulçamanos, às donas marias do interior do Brasil. Turbante, uma grande tira de pano enrolada sobre a cabeça, cuja origem é remota e desconhecida. Há registros históricos mostrando a existência do turbante muito antes da chegada de Maomé (Mohammed);

Outra coisa: já observaram o quanto as senhoras donas-de-casa, pelos interiores do Brasil, têm o hábito de cobrir a cabeça com panos e lenços? Será que é só para que os cabelos fiquem protegidos da fumaça do fogão à lenha, ou para que não caiam na comida? Provavelmente várias dessas senhorinhas nunca exibiram seus cabelos publicamente. Cobrir a cabeça se mostra como algo importante e religiosamente cumprido no dia-a-dia.

O Sikhismo surgiu no final do século XV, no Punjab (região atualmente dividida entre a Índia e o Paquistão), fundado por Guru Nanak Dev Ji. Existem cerca de 25 a 30 milhões de sikhs no mundo.

Seus devotos veem seu deus como o eterno e sem forma definida, criador de tudo. Para eles todos os seres humanos são iguais, independentemente de casta, credo, gênero, origem. Seu cotidiano é composto por trabalho honesto, a partilha com os outros e a lembrança constante de Deus.

Mas há algo que me salta aos olhos antes de tudo isso: os turbantes. →

ian viana @ianviana9

turbante pra quê te quero?!

Seus devotos utilizam turbantes como forma de expressar, catalisar e entronizar seus preceitos. Listo aqui alguns motivos para a utilização dos turbantes pelos sikhs:

- soberania e unicidade - quando alguém põe um turbante, ele está coroando o rei interior
- agradar ao guru - o guru é amado e, ao mesmo tempo, é o senhor das permissões e de toda vitória
- afastar-se da superficialidade e priorizar o universo interior
- preservar a tradição - a construção do sikhismo durou mais de 200 anos e custou a vida de muitos mártires
- uma tecnologia - ajuda a ativar o 7º chakra, no alto da cabeça, otimizando funções cerebrais, aumentando o foco espiritual, ampliando nossa conexão e poder de meditação
- proteção vibracional - o turbante protege contra energias externas, atuando como isolante

Vamos além:

Câmara Cascudo, um de meus gurus, aborda o uso de turbantes não como simples adereços, mas como parte de uma indumentária com forte carga cultural e identitária. Seus estudos sobre as Baianas de Acarajé demonstram isso:

“Herdeiras dos ganhos, as baianas de tabuleiro, baianas de rua, baianas de acarajé (...) preservam receituários ancestrais africanos, sobretudo da costa ocidental, com destaque para os dos Iorubá. (...) Ao estabelecerem elos entre os terreiros de candomblé e os espaços da rua, as baianas (...) usam o ojá na cabeça”. Vale dizer que essas foram as primeiras “empreendedoras do Brasil”. Trabalhavam para comprar a alforria de seus semelhantes[1], estando vinculadas aos espaços religiosos já que o próprio acarajé vem deste espaço. Não havia aqui, portanto, uma negação de quem se é. Pelo contrário: o vestuário usado no terreiro era o utilizado na rua, por respeito a origem-fundamento do alimento.

No vocabulário tradicional, "ojá" referem-se ao turbante — um pano cuidadosamente arranjado na cabeça que: i) faz parte essencial do vestuário ritual e da indumentária das baianas, tanto no contexto religioso quanto comercial; ii) carrega conexão direta com a ancestralidade africana, vivenciada pelos elementos estéticos preservados desde os povos iorubás; iii) marca o vínculo simbólico entre o terreiro de Candomblé e o espaço público, atuando como signo visível dessa ligação.

Artur Ferreira, leitor do jornal & ogan em seu terreiro, me contou que “ojá”, na cabeça dos homens é “eketé”, tendo ambos o mesmo sentido: i) Proteger o Orí, nosso Orixá mais importante, a primeira divindade, quem é cultuado primeiro; ii) proteger o “Adoxo”, fundamentação presente no candomblé para ativar o Axé dentro um filho de santo. “A lógica da mulera da criança”. Gostei dessa comparação e repito aqu. Aliás, que palavra linda. Moleira. O Jararaca precisa se manifestar sobre isso na próxima edição. Artur continua e solta uma bela frase: *pra gente, tudo que tem função função espiritual também tem função estética. Me diz: quanto maior o turbante, mais velha a pessoa. A senioridade é o que dita a hierarquia dentro da Casa de Santo.

Enfim: quanto mais se cavuca o assunto, mais mistérios e histórias aparecem. Este texto começou como uma desculpa para falar dos Sikhs, religiosos que me chamaram atenção pela sua generosidade & coragem. Agora já estamos aqui falando dos acarajés, moleiras e compra de alforrias pelos pretos da tradição iorubá.

[1] Assim surge irmandade da Boa Morte, A Irmandade da Boa Morte é uma confraria religiosa afro-católica com origem no século XIX, em Cachoeira, Bahia, Brasil. Originalmente, atuava na alforria de escravos e hoje mantém atividades sociais e culturais, especialmente a famosa Festa da Boa Morte, uma celebração religiosa e cultural que ocorre em agosto.

Mas ainda melhora, sabia?
Aguardem a próxima edição!

volúpia

julia iracy @juliairacy.m

sim, Aurélio, a palavra *libélula* de fato é essa coisa alada, belíssima, de vôo trêmulo e incerto.

palavra. chão do mundo. pavimento da ideia. a própria ideia. o enleio dos gestos. o leito do pensamento. coordenadas do não dito. palavra. delírio. água. o nada que vibra. o nada em sua rede quarando uma semente. o vôo sem compromisso da folha. viveiro de vitais insignificâncias. palavra. da boca, a estrada quando começa. dos olhos, o discurso silencioso. ave impiedosa que paira. língua e limo. lira e sombra.

por que a palavra *rodopiar* de fato rodopia e quando digo que são *cálidas* as mãos há toda uma quentura em minha boca? interessa-nos o caminho que a palavra *acabrunhado* faz do atlântico até aqui. e também o porquê do castanho *encaracolado* de fato envolver sucessivas espirais entre os dedos. são as letras enfileiradas os meios pelos quais dizemos ou calamos? ou são elas que nos pensam em *sinuosas* disposições, entre *obscenos abismos?* me demoro em *cascos* e *carícias* de um verbo e fico...

pois veja, que curiosa é a forma da boca quando a pronúncia da palavra *montanha* nos faz escalar à altura que a palavra *planície*, em sua baixeza lisa, jamais o faria. e quanto à palavra *ensimesmado*, de fato dobrando-se em si mesma ao invés de abrir-se alongada rente à pele, feito a palavra *estiramento*. essas pueris inquietações, por ora, eu as tenho endereçado às etimologias; às observações dos caminhos de um vocábulo. em sua origem grega, a própria composição de *etimologia* demonstra um interesse e uma fome pelo "verdadeiro" significado das palavras; ou pela sua correspondência mais verossímil e aproximada do que não se pode tocar. apenas verter. apenas tentar fazer vingar.

nessa coluna vamos escrever sobre palavras, seus rastros e manias vertiginosas, seus mapas de não caber. para tanto, um começo: me fascina, por exemplo, e aqui cabe um exercício autorreferencial, a etimologia da própria palavra *texto*. do latim, *texere* significa tecer, entretecer, urdir, entremear, tramar, enredar... *textum*, por sua vez, designa tecido, o substantivo. poderíamos nos estender nas ocorrências históricas do uso da palavra texto para definir unidades de escritos, entre os séculos XII e XIV. ou, ainda, do ponto de vista da língua francesa, falarmos sobre a raiz indo-europeia *teks*, que pode corresponder a *tecer* e a *fazer*; *fabricar*, pois ela constitui parte de vocábulos como *architecte*, *contexte*, *technique*... são todas informações que fazem desaguar na palavra *texto* afluentes tecituras.

→

no entanto, inclinando conceitos e imagens aos rumos etimológicos de texto, na tentativa de alinhavar o pensamento em língua d'agulha, me deparei com um trecho platônico do diálogo entre Sócrates e Crátilo: [...] *um nome é um instrumento de ensino e, em relação à realidade, um instrumento que desembaraça os fios, assim como uma lançadeira numa trama.* aqui, lançadeira seria a parte que movimenta os fios na máquina de costura. enveredamos, então, o *nome* à sua sutil posição ordenadora; de onde se organiza a realidade em lugares, meandros e ausências.

me demoro em *cascos* e *carícias* de um verbo e fico... penso na mão tecelã que escreve artesanias no tempo. um véu moldando a paisagem que há fora. cânticos retalhos na ventania de dentro. todo um vultuoso empenho na cerzidura da fina malha que vá durar uma linhagem mais.

o texto é, também e portanto, trama, teia, tecido, teatro, trapaça e tirania. *comme la nervure*. na poesia, é preferível que se chame favo, pois há o sabor de um saber e a sabedoria barthesiana, então há sempre o desenho de um cacho de uvas em minhas mãos nos sonhos, mas isso é outro assunto. estou convencida de que a meditação passiva na imagem do rizoma de um tecido estimula a intimidade com as palavras. e de que tecer com mãos de lançadeira é uma feitura capaz de reduzir distâncias verbais e cosmológicas. se nomear é um gesto de domínio sobre o mundo, o texto é sua moenda genitora, dedalus recompondo a dispersão. *comme la nervure.*

na entrada da Associação de Fiandeiras de Sagarana, em Minas Gerais, está escrito:

con(fiar) amortece a trama complexa da existência.

PINDORAMA

DELÍRIO NOS TRÓPICOS

BERAVERSO

bera @beraverso

júlia iracy @juliairacy.m

praia quente

aquecer a promessa
dourar a pele da ideia
cansar um corpo escaldar o medo
te esculpir enquanto não seca

meu chão de areia a pino
é quente demorar-se aqui
ou se volta para a cidade ou
é preciso correr ao mar
ele que modela nossa dispersão

na cintura, um'euforia faz brilhar a
silhueta do horizonte
abrasado azul em linhas

e aos domingos,
guardar a hora que você passa na
areia sólida rente ao mar
te oferecer um espaço em minha sombra
enfim contar-te sobre os primeiros
homens que atracaram nessa porção de
terra firme

bel gandolfo @kiddotrixx

lucas basilio @lucassbasilio